

**A FENOMENOLOGIA GUMBRECHTIANA DO ESTAR-NA-TORCIDA:
(BREVES) COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO “TORCIDAS: O
ESTÁDIO COMO RITUAL DE INTENSIDADE”**

Felipe Tavares Paes Lopes¹

No dia 23 de março de 2016, para espanto de todos, a mítica Tribuna Sul, do Westfalenstation, o estádio do Borussia Dortmund, calou-se. Silêncio profundo. Sem cantos, sem aplausos, sem vaias ao juiz, sem coreografias, sem o balanço das bandeiras, sem a exibição dos tradicionais cachecóis pretos e amarelos, sem nada. Apenas silêncio. Naquele dia, ninguém cantaria mais, anunciaram os megafones das lideranças da torcida aurinegra. Anúncio desnecessário, pois a multidão simplesmente já havia tomado aquela decisão. Isso se deu na volta do intervalo de um jogo entre o time local e o 1. FSV Mainz 05, após circular a notícia de que dois torcedores haviam infartado (um deles acabou falecendo a caminho do hospital). Alguns minutos antes do apito final, no entanto, a multidão desfez a atmosfera taciturna que pairava sobre a arquibancada e começou a cantar *a capella* seu hino: *You'll Never Walk Alone*. Canto que foi novamente entoado após o final da partida, quando os jogadores, como sempre, vieram saudar e agradecer a torcida. Não, os dois torcedores não estavam sós. Estavam presentes na voz – ou, mais exatamente, naquele “ritual de presença” – daquele imenso “corpo místico” amarelo. Era um canto de pesar, certamente, mas, também, de celebração. De celebração da comunidade à qual todos estavam ligados. Uma comunidade nova, estabelecida a partir da interconexão daqueles milhares de corpos torcedores reunidos nas arquibancadas. Uma comunidade que envolvia, inclusive, os torcedores rivais, que, no lado oposto, também participavam do coro, formando um só “corpo”. Esse novo “corpo”, como era de se esperar, não sobreviveu àquela tarde de março. Mas quem se importa? Afinal, permitiu que os presentes vivenciassem (e nós vislumbrássemos) aquilo que poderíamos chamar de “experiência do sublime”. É exatamente esse tipo de experiência que perderíamos se os jogos sem torcida

¹ Unicamp. Email: lopesftp@gmail.com

(ou, ainda, se a atmosfera de concerto de orquestra) fossem estabelecidos de uma vez por todas como a situação padrão nos estádios de futebol. Eis o que adverte (e o que defende) Hans Ulrich Gumbrecht.

Professor da prestigiosa Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, Gumbrecht já teve algumas de suas principais obras traduzidas para o português. Entre elas, o livro *Elogio da beleza atlética*, que gerou ampla discussão entre os pesquisadores da área do esporte aqui no Brasil – como atesta o (excelente) livro *Esporte e mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht*, organizado por Ronaldo Helal e Fausto Amaro (2015). Em *Elogio da beleza atlética* e em outros textos, Gumbrecht já indicava caminhos alternativos (não-hermenêuticos) para a análise do esporte. Caminhos que buscavam não fazer dele apenas uma metáfora ou, melhor, uma “escada” que permitiria acessar e compreender temas percebidos como cientificamente mais relevantes. Na verdade, ao invés de querer identificar e interpretar os significados por detrás das práticas e espetáculos esportivos, seu principal objetivo era refletir sobre essas práticas e espetáculos a partir dos corpos dos atletas, entendidos em sua materialidade e presença.

De certa forma, o livro aqui comentado – “Torcidas: o estádio como ritual de intensidade” – dá continuidade a essa linha de investigação, focalizando, agora, os corpos dos torcedores. Livro que foi traduzido e prefaciado por Nicolau Spadoni e publicado pela Editora Unesp, em 2023². Mesclando um amplo e sofisticado arsenal teórico com suas memórias de vivências em multidões esportivas (em jogos de futebol, rúgbi, futebol americano etc.) e de visitas a estádios mundo afora (algumas histórias dessas visitas são impagáveis, diga-se, como a que foi “esquecido” no La Bombonera, tendo de passar a noite sozinho nas suas arquibancadas), Gumbrecht busca, no referido livro, desenvolver uma fenomenologia do estar-na-torcida ou, mais exatamente, descrever e entender, ainda que de forma rudimentar, segundo ele próprio, o comportamento das multidões no estádio.

A fim de alcançar esse objetivo, Gumbrecht começa o livro preparando seu “terreno teórico”, ou seja, indicando as visões de massa contra as quais escreve.

² Intitulada *Crowds: das Stadion als Rituals von Intensität*, a versão original foi publicada em 2020.

Fundamentalmente, o autor rejeita dois tipos de leituras: primeiramente, aquelas que desprezam as massas, como as oferecidas por Gustave Le Bon, José Ortega y Gasset e Elias Canetti. Autores que já haviam sido criticados por outros ensaístas que se propuserem a analisar o futebol. Por exemplo, o ensaísta argentino Juan José Sebreli (1998), em seu clássico *La era del fútbol*, denunciou e esmiuçou o caráter elitista do discurso leboniano sobre a (suposta) irracionalidade das massas. Independentemente do grau de originalidade das críticas gumbrechtianas aos referidos autores, podemos dizer que, de modo geral, sustentam que, em última instância, eles não conseguem desenvolver uma fenomenologia própria do comportamento da massa, mas se limitam a construir uma visão rebaixada da individualidade humana.

O segundo tipo de leitura rejeitada por Gumbrecht é aquela que tende a sobrestimar o papel das massas como agentes políticos. Após dar diversos exemplos de episódios históricos que envolveram a coordenação de multidões de indivíduos – como a tomada da Bastilha em 1889, a tomada do Palácio de Inverno em 1917, a queda do Muro de Berlim em 1989, a Primavera Árabe em 2010 e a Revolução de Maidan em 2014 –, o autor é taxativo ao sentenciar que as massas, na condição de agentes políticos, jamais conseguiram ir muito além de movimentos que não acabem, rapidamente, cooptados de modo estratégico, ou seja, que não acabem absorvidos pelas negociações entre representantes políticos. Para ele, no entanto, as multidões “[...] têm uma outra função bastante diferente, mais central e raramente passível de manipulação externa: a função de audiência, a qual sempre desempenhou um papel central na história do esporte” (GUMBRECHT, 2023, p. 60).

A partir mais ou menos da segunda metade do livro sob análise, Gumbrecht debruça-se justamente sobre as multidões esportivas ou, mais exatamente, sobre o estar-na-torcida, afastando-se, como previsto, daquelas leituras que buscam interpretar suas funções ou ações como tentativas de mudar o mundo. No quinto capítulo, discute a relação lateral entre os corpos torcedores, ou seja, a experiência de se relacionarem entre si, que faz justamente com que sejam parte de uma torcida. Para realizar essa discussão, articula, de forma eclética, conceitos retirados de diferentes escolas de pensamento: das

observações sobre enxames, das discussões sobre os “neurônios-espelhos” e das pesquisas sobre primatas.

No sexto capítulo, Gumbrecht (2023, p. 83) discute a elevação vertical numa torcida, buscando “[...] apreender o modo como um êxtase comum pode surgir a partir da atenção transitiva de indivíduos dispostos lateralmente sobre acontecimentos corporais”. Elevação que, segundo o autor, não deve ser confundida com uma verticalidade transcendente, religiosa, uma vez que a atmosfera que emerge no estádio não se ergueria em direção a um mundo superior. Para abordar tal atmosfera, Gumbrecht lança mão de considerações menos ecléticas do que as realizadas no capítulo anterior, explicando, primeiramente, o que significa exatamente compreender os eventos em estádios como “rituais de presença” para, em seguida, descrever duas versões possíveis de “elevação” de uma torcida. Para tanto, emprega e articula dois termos bastante complexos: intensidade e ritmo.

Nos capítulos finais (sétimo e oitavo), Gumbrecht (2023, p. 101) busca descrever a experiência de torcida a partir de dois casos concretos e, com isso, “[...] visualizar os eventos em estádio como rituais que deve abrir a possibilidade de vivenciá-los e avaliá-los em termos de sua alienação produtiva”. Certamente, essa visualização é original e abre novos caminhos de pesquisa para os estudiosos do esporte e, mais em particular, das torcidas de futebol. É preciso destacar, no entanto, que já há alguns trabalhos que objetivam analisar as multidões torcedoras a partir de outros ângulos, mais positivos. Apenas para citar um exemplo retirado da literatura pátria, André Martins (2014), a partir da filosofia de Espinosa, reflete sobre o arrebatamento pelo futebol como afirmação da vida, de nossa própria potência e da potência do coletivo. Seria interessante, portanto, conhecer o que Gumbrecht pensa dessas outras leituras. No entanto, o autor pouco dialoga com ela, nos oferecendo poucas pistas.

Penso que o diálogo com essa literatura também seria importante para compreendermos melhor algumas de suas afirmações. Por exemplo, na página oitenta e cinco, de forma muito ligeira, o autor afirma que a experiência de si que se dá no interior de uma torcida não corresponde às estruturas de comportamento subjetivo, como a excitação. O aprofundamento dessa reflexão nos ajudaria a compreender melhor suas diferenças em relação às contribuições

daquele que, provavelmente, é um dos mais influentes e relevantes teóricos para o campo dos estudos sociais do esporte: Norbert Elias.

Além de pouco dialogar com a literatura do referido campo, os caminhos analíticos percorridos por Gumbrecht levam (se os compreendi bem) a certa naturalização das experiências corporais na multidão torcedora. Indício disto é que o autor faz uso de noções e discussões retiradas de fora das ciências humanas e sociais, como aquelas relativas às pesquisas sobre primatas, como já antecipei. Logicamente, isso não constitui, necessariamente, um problema. O diálogo com outras áreas do saber pode ampliar (e, muitas vezes, amplia) o conhecimento sobre determinado objeto de pesquisa. Ocorre que, na obra gumbrechtiana, esse diálogo parece ocultar ou, ao menos, passar por cima dos aspectos sociais e culturais contidos no fenômeno das torcidas. Baseando-me nas críticas (bourdieusianas) feitas por Arley Damo (2023) à referida obra, observo que nossa experiência corporal com outros corpos no ambiente torcedor, assim como a ativação de determinadas potencialidades afetivas especiais que vivenciamos dentro desse ambiente, não é dada *a priori*, mas depende, necessariamente, dos nossos esquemas perceptivos do mundo social, interiorizados ao longo de nossas trajetórias, que são forjadas a partir de uma série de fatores, tais como: gênero, raça, classe, idade, frequência em estádio (isto é, se somos um espectador leigo ou cultivado), pertencimento (ou não) a uma torcida organizada etc. Em outras palavras, assim como o processo interpretativo (de atribuição de intenção e função às coisas do mundo) é mediado, dependendo da nossa socialização, também o é nossa relação de presença com um objeto, um indivíduo ou um coletivo.

Por fim, observo que a análise feita por Gumbrecht das torcidas de futebol a partir do comportamento de enxame possui um aspecto problemático. Explico: segundo o autor, esse comportamento possui “[...] um alto grau de inteligência sem que essa inteligência tenha um centro ou uma estrutura hierárquica de comunicação de comandos” (GUMBRECHT, 2023, p. 71). Tratar-se-ia, portanto, de uma inteligência que atua como o vetor de um movimento comum, mas que é fragmentada. Porém, até que ponto a multidão torcedora pode ser concebida dessa forma? Pela minha experiência em estádios de futebol (como pesquisador e frequentador assíduo há muitos anos), diria que as arquibancadas são espaços

fortemente hierarquizados, com um centro de comando muito bem definido: as torcidas organizadas (mais exatamente, suas baterias). De qualquer modo, independentemente de possíveis objeções às análises gumbrechtianas, é mister reconhecer que, em um ambiente intelectual que, com muito frequência, preferiu desprezar e combater as multidões torcedoras ao invés de compreender suas especificidades, elas são, sem sombra de dúvida, uma joia rara.

Referências

DAMO, Arley. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto (Orgs.). **Esporte e mídia: novas perspectivas: a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015, p. 49-94.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Torcidas: o estádio como ritual de intensidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

_____. **Elogia da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto (Orgs.). **Esporte e mídia: novas perspectivas: a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

MARTINS, André. A positividade das alegrias partilhadas: reflexões filosóficas sobre o arrebatamento pelo futebol como afirmação da vida, de nossa própria potência e da potência do coletivo. In: FERREIRA, Arthur L; MARTINS, André; SEGAL, Robert. **Uma bola no pé e uma ideia na cabeça: o que o futebol nos faz pensar**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Faperj, 2014, p. 71-88.

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol**. Buenos Aires: Delbosillo, 1998.